



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10017 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

**COSTURANDO NARRATIVAS: A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS-POÉTICAS COM MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA**

Débora Sara Ferreira - UNESP - CAMPUS RIO CLARO

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Agência e/ou Instituição Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

**COSTURANDO NARRATIVAS: A EXPERIÊNCIA DAS OFICINAS-POÉTICAS COM MULHERES NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS-EJA**

**Resumo**

Este texto tem por objetivo partilhar as oficinas-poéticas que foram realizadas em uma pesquisa de mestrado, com um grupo de mulheres na EJA, 5º ano do ensino fundamental II, em uma escola pública de Rio Claro-SP. Através das narrativas das mulheres foi possível aproximar sentidos e significados acerca da condição da mulher, presentes nas práticas discursivas que ultrapassam gerações. Salienta-se a relevância das oficinas-poéticas enquanto possibilidade metodológica para os processos educativos na EJA, em que se considera a partilha de vida e poesia um ato de emancipação intelectual, bem como a relevância da pesquisa narrativa e autobiográfica para a construção da problemática que se apresenta.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos-EJA; Narrativas de Mulheres; Oficinas-poéticas

**Introdução**

Este texto tem por objetivo partilhar as oficinas-poéticas realizadas com um grupo de mulheres, de uma escola pública, da cidade de Rio Claro-SP, durante 10 meses, em uma sala da EJA, 5º ano do ensino fundamental II. Trata-se de um recorte da dissertação de mestrado defendida em 2019, referendada pelo Comitê de Ética. As oficinas-poéticas realizadas abordaram e aprofundaram temáticas acerca da condição da mulher, mediadas por materiais culturais diversos, trazendo elementos para compreensão destas temáticas, vistas sob o olhar das mulheres que se encontravam em sala de aula.

Alguns desdobramentos teórico-metodológicos remetem à pesquisa narrativa e autobiográfica. Salienta-se, com Delory-Momberger (2011), que a narrativa se faz preponderante, não para que possamos ter uma história, porque a temos, mas para que possamos narrar a nossa vida. A narrativa, segundo a autora, é um elemento de poder, no que

concerne à formatação ou configuração narrativa. “[...] A narrativa narra histórias [...].” (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 07). A narrativa existe para que a nossa história não se perca. Acrescentam-se a isso as ideias de Connely e Clandinin (1995), que afirmam que a investigação narrativa está focalizada na experiência humana. Os investigadores narrativos buscam descrever as vidas, contar histórias sobre elas e escrever relatos de experiência.

Nesse caminho, é possível compreender a relevância da pesquisa narrativa e autobiográfica na construção e produção das oficinas-poéticas que terão fragmentos apresentados neste texto, bem como da importância das reflexões acerca da condição da mulher, sob a perspectiva da História Cultural. Por fim, tecem-se reflexões acerca das oficinas-poéticas enquanto proposta para a EJA.

### **Rupturas e movimentos: mulheres-educandas narram suas histórias e partilham vida e poesia**

A partir das oficinas-poéticas intituladas: Imagens que produzem sentidos, que produzem vida; Imagens que vazam: histórias contadas por mulheres; Um olhar-vida para o conto *Uma Galinha* de Clarice Lispector; *Desconstruindo Amélia*, desconstruindo-me...; *Respeita as mina*: uma reflexão sobre a música; Partilhando afetos: *Quarto de despejo*, foi possível aproximar sentidos e significados acerca da condição da mulher, presentes nas narrativas das educandas. Abaixo, serão apresentados trechos das narrativas das participantes do estudo privilegiando as palavras como foram ditas, como modo de registro de suas histórias. Os nomes das participantes foram escolhidos por elas, preservando identidades. Em uma das oficinas-poéticas, ao conversarmos a respeito do conto *Uma galinha*, de Clarice Lispector, Franciele assim se manifestou:

É que a mulher sempre foi oprimida, sempre teve de aceitar tudo o que os outros impunha pra ela, né? Naquela época dos meus avós mesmo, minha mãe sempre contava dos meus avós, até minha mãe mesmo, minha mãe sofreu demais, e era o que o homem falava, o homem falava, impunha, ela tinha que aceitar. Ou era aquilo, ou não era nada. Tipo: se fosse sair, tinha que sair ao lado do marido, não podia sair sozinha, ou saía com o marido, ou ficava dentro de casa trancada. E era desse jeito, com o tempo, hoje não, cada um toma banho, se troca, se arruma e vai pra onde quer. Não, não é assim, professora! Eu era mesmo, igual antigamente. (Franciele, 2018).

Franciele complementou relatando acerca do que mais lhe marcou na música *Respeita as Mina* da cantora Kell Smith, e rememorou um pouco mais sobre sua vida:

Eu achei importante a parte que ela fala que o que ela faz não é para os outros, mas pra ela. Tipo, ela se arruma pra ela, ela se sente bem pra ela, não é para os outros que ela está fazendo isso aí. Ela luta por ela. É a parte que eu achei mais importante. Porque realmente é o que a gente tem que ser, por exemplo, eu, quando decidi fazer (se referindo ao divórcio), eu decidi fazer por mim, não foi por ninguém. Não foi por pai, por filho, por mãe, por irmão! Foi por mim! Eu tinha desejo de estudar, ele nunca ia deixar estudar. No tempo que eu larguei e vim embora, e ele queria que eu voltasse, ele impôs coisas piores do que eu já vivi dentro de casa; ele falou que até meu celular eu não teria mais, se eu voltasse. Ele impôs muita coisa que eu achava que não estava certo. Pois ele, na cabeça dele, no ciúme dele, ele imaginava que eu seria uma mulher de qualquer jeito. (Franciele, 2018).

Com as palavras de Franciele, temas como a opressão da mulher se apresentam, aparentemente, sem trazer novidade; no entanto, há a considerar dois elementos, sendo um deles a questão da opressão da mulher reverberando em suas próprias palavras decorrente de

suas vivências. Outro diferencial está na atitude de escolhas de quem não delega a ninguém, senão a ela mesma. Eliana, por sua vez, relatou sua experiência dentro de casa que, à primeira vista, parece deixá-la mais confortável com relação à opressão familiar:

Porque tem muitas mulheres que não podem fazer nada disso, até hoje tem marido que não deixa, não pode se arrumar, porque acha que vai se arrumar para outro, que vai arrumar outro, essas coisas. Não pode sair, não pode fazer nada. Só o homem pode sair, porque é homem, mulher tem que ficar dentro de casa, acha que só tem de cuidar da casa e de filho, só. Graças a Deus que meu marido não é assim, essa parte ele não gosta de sair, ele não sai de jeito nenhum, só que ele nunca me proibiu e me deixa ir onde eu quiser. Ele sempre cuidou do meu filho mais novo pra eu sair ainda. (Eliana, 2018).

Um outro tema vem agregar à condição da mulher em sua vida cotidiana: a maternidade. Que relação guarda com trabalhar? Ou com interromper os estudos? Eliana, assim se manifestou:

Eu acredito que não, mesmo quando tive meus filhos, eu trabalhava. Só o mais novo que não, porque quando tive os dois mais velhos, eu deixava com a minha mãe. Quando nasceu minha filha mais velha, eu parei de trabalhar, mas é porque a minha mãe morava longe. Porque não tinha ninguém, era só eu, e a gente precisa de uma pessoa, né? Ai, quando ela nasceu, eu entrei em desespero: “como eu vou cuidar dessa criança”? Mas depois passou. (Eliana, 2018).

Ter mãe por perto, assegura a condição para trabalhar. Maternidade dobrada. De outro modo, o desespero bate. Para Eliana, mulher, mãe. Na oficina intitulada “*Desconstruindo Amélia*, desconstruindo-me”, Jhenifer relatou acerca dos motivos que a levaram a interromper os estudos,

[...] Ai eu falei: "beleza, né! Já que não dá mais, eu vou pegar, vou sair e volto no outro ano! Aí, quando pensei em voltar no outro ano, acabou a quinta série na escola que eu estudava, e daí foi quando começou a ter quinta série nesta escola, só que era com um monte de criança. Já não era mais do mesmo tamanho, e eu sempre fui maior. Aí fiquei esperando para fazer o EJA. Comecei a cuidar dos meus sobrinhos, e minha irmã pagava pra mim, eu olhava três crianças a tarde inteira, tinha o meu dinheiro. Comecei a trabalhar com a minha tia na mercearia dela, comecei a namorar também; meu pai aceitou tudo. Comecei a trabalhar com treze anos, fiquei um ano na mercearia da minha tia e acabei engravidando! Eu estava esperando os quinze anos para começar a fazer o EJA, né, aí acabei engravidando e não contei para ninguém que eu estava grávida. (Jhenifer, 2018).

Discussões no que tange à maternidade, não planejada, em destaque. Seria diferente quando planejada? E quando o tema são os estudos: vocês acreditam que ser mãe faz com que venhamos a interromper os estudos? Jhenifer, mais que depressa, compartilhou suas concepções:

Sim, em alguns casos. Porque eu não tinha com quem deixar ele, e o pai dele trabalhava, e não tinha nem como pensar em voltar para a escola. Eu acabei que não deu pra voltar mesmo, não tinha com quem deixar ele e deixar a minha mãe. E me acostumei, fiquei nesse buraco por um bom tempo. Três anos, meu filho tem quatro anos! E eu vim estudar agora, é muita responsabilidade, eu costumo falar que as pessoas às vezes fantasiam muito essa coisa de ser mãe. Eu não me arrependo de ter o meu filho, não sinto

raiva dele nem nada, eu amo meu filho, totalmente pelo contrário. Mas tem pessoa que sabe? é ótimo ser mãe, é mil maravilhas, e você tem que deixar de pensar em você várias vezes para pensar naquela criança. Tem que deixar de fazer várias coisas que você gosta, por aquela criança. (Jhenifer, 2018).

Nos limites deste texto, ativemo-nos a quatro temas que demarcam a condição do ser mulher, dito por ela mesma: opressão, escolhas, maternidade, estudos. Outros há a serem compartilhados. O exercício das narrativas das mulheres participantes da pesquisa torna possível aproximar sentidos e significados dos modos de ser ou tornar-se mulher que ultrapassam gerações. Ao ressoar de cada voz, para além de registros para um estudo de aprofundamento, no caso de uma dissertação de mestrado, exalta-se um registro histórico de sua condição.

### **Tecendo movimentos poéticos: aproximando sentidos e significados do ser mulher**

Algumas aproximações com autores contribuíram para compreensões acerca das práticas discursivas que permeiam a condição da mulher, como apresentadas pelas próprias participantes. Chartier (2002, p.17) traz algumas reflexões sobre as percepções do mundo social. O autor afirma que tais imposições são produzidas por discursos que não são neutros: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam”. Sendo assim, ao produzir estratégias e práticas, alguns grupos tendem a impor suas concepções, valores e domínio sobre outros grupos, como podemos observar nos relatos acima que remetem a relações tensas entre situações de opressão vividas e a tomada de decisões que envolvem escolhas. Que espaços podem ser pensados com vistas a essas condições (im)postas?

Ainda nessa direção é possível compreender que, ao seguir certos padrões de submissão impostos desde o início do patriarcado, as mulheres estão de acordo com a “ordem das coisas”. São naturalizados discursos que ditam regras no que concerne ao feminino (mulher nasceu para ser mãe, mulher deve ser dona de casa, os estudos não são necessários), e imposições nos chegam como inerentes a ele, portanto essa lógica de domínio dispensa uma justificação. Bourdieu (2016, p. 21) afirma que “A divisão entre os sexos parece estar ‘na ordem das coisas’ como se diz, por vezes, falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável”. O autor caracteriza o que vem a ser a violência simbólica: é uma violência suave, invisível, e até mesmo insensível; ela não vem com alarde. A partir da imposição de uma dominação masculina, cristalizam-se discursos que, conseqüentemente, resultam em uma violência simbólica. Portanto, através das representações cristalizadas no imaginário social no que concerne à condição da mulher, podemos avançar nas indagações e reflexões acerca de temáticas que trazem à superfície pontos que conectam quem narra, as palavras que narram, o que narram que compõe temas que, de certo modo escapam aos discursos concatenados com uma visão de dominação.

### **Algumas considerações**

Através da pesquisa realizada, no âmbito da EJA, tecemos reflexões acerca da condição da mulher, por ela mesma, bem como da relevância das oficinas-poéticas enquanto um espaço privilegiado do ato de narrar. Como oficinas-poéticas, consideramos modos de narrar que tomam corpo a cada encontro, num contínuo dialógico entre integrantes de um grupo que se constitui porque há problemáticas que as/os afetam intensamente, mediados por materiais culturais que disparam manifestações subjetivas intensas, trazendo à superfície sentidos do vivido e da vida. Lembrando, com Rancière (2019) que a partilha de vida e poesia é um ato de emancipação intelectual.

No âmbito da Educação, uma das considerações que nos acalenta é a possibilidade de pensar as oficinas-poéticas enquanto proposta para os processos educativos na EJA, como modalidade de ensino, em que estão presentes, mulheres. E não são poucas. E por que não, mulheres e homens e quem mais vier.

E sobre a lição em si mesma e o papel do professor, da professora? Larrosa (2003, p.140) aponta que o professor é aquele que seleciona o texto para a lição e, ao abrir o livro, o remete, assim como uma carta ou um presente. “Uma vez que só se presenteia o que se ama, o professor gostaria que seu amor fosse também amado por aqueles aos quais ele o remete”.

Acrescenta-se a essa perspectiva, as reflexões de Rancière (2019) no livro “O mestre ignorante”, que nos põe frente a frente com a ordem explicadora, que embrutece, e com a abertura de caminhos que emancipam. Como tecer reflexões acerca da relevância da emancipação feminina na Educação de Jovens e Adultos?

Entre olhares dançarinos, políticos, poéticos, compreende-se que as oficinas-poéticas indicam caminhos e possibilidades metodológicas para o processo educativo na EJA e vão ao encontro do que entendemos por uma educação outra, em que o diálogo acontece, em que as perguntas se movimentam em um constante arriscar-se e aventurar-se...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016

CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J. Relatos de experiencia e investigación narrativa. In: LARROSA, J. (org.). **Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Difel: Alges Portugal, 2002.

DELORY-MOMBERGER, C. Fundamentos Epistemológicos da Pesquisa Biográfica em Educação. **Educação em Revista**, BH, v. 27, n. 1, p. 333-346, 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100015>. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100015&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 20 fev. 2019

LARROSA, J. **Pedagogia Profana**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LISPECTOR, C. **Laços de Família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

RANCIÈRE, J. **O mestre ignorante - cinco lições sobre a emancipação intelectual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.